



O caos social na cidade fictícia de *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago

Gisele Fredes Silveira*

Resumo: A cidade fictícia de José Saramago, em *Ensaio sobre a cegueira*, se transforma em um caos ao se tornarem cegos os moradores da cidade. A fim de sobreviver, as pessoas se rebaixam ao nível da barbárie e da degradação, julgando que ninguém as pode ver nem julgar, nem o próprio Deus.

Abstract: The fictional town of José Saramago's *Blindness* turns into chaos as its residents become blind. In order to survive, people stooped to barbarism and degradation, believing no one, not even God Himself, could see or judge them.

Palavras-chave: Cegueira, caos social, degradação, solidariedade, José Saramago.

Keywords: Blindness, social chaos, degradation, solidarity, José Saramago.

“Estamos todos cegos”, declara José Saramago em uma entrevista ao jornal *Folha de São Paulo* [4], ao ser interrogado sobre a origem da obra *Ensaio sobre a cegueira*. Segundo o autor, estamos todos cegos sem mesmo sermos atingidos pela doença do “mar de leite”. É neste cenário em que se configura o romance de crítica social a respeito dos valores e intenções humanas.

Iniciando pelo espaço físico, que serve de cenário para todas as barbáries que se sucedem, Saramago não revela onde estamos, nem situa em que parte do mundo ocorre a epidemia. A intenção de Saramago não é criticar a sociedade portuguesa, outra cidade europeia ou até mesmo alguma das antigas colônias portuguesas; sua intenção é criar uma cidade fictícia modelo, sem nome, pois ela representa qualquer lugar do mundo, inclusive aquele em que se situa o leitor. Desse modo, se o autor nomeasse a cidade, afastaria o leitor de uma possível reflexão sobre sua cegueira perante a sociedade.

Assim como não há referência sobre a cidade, os personagens também não recebem nomes, apenas são mencionados segundo características físicas ou segundo algum acontecimento característico que nos faça inferir que se trata deste ou daquele:

Por fim, a fila lá ficou ordenada, atrás da mulher do médico ia a rapariga dos óculos escuros com o rapazinho estrábico pela mão, depois o ladrão, de cuecas e camisola interior, a seguir o médico, e no fim, a salvo de agressões por agora, o primeiro cego.

* Graduanda em licenciatura em letras: português e literaturas de língua portuguesa (UFRGS).

Os personagens centrais são os componentes da ala do médico que continuam juntos mesmo depois da saída do hospício: o médico, a mulher do médico, a rapariga dos óculos escuros, o rapazinho estrábico, o primeiro cego, a mulher do primeiro cego e o velho da venda preta. Havia mais alguns nessa ala, que morreram durante a cegueira, como o ladrão do carro do primeiro cego e uma mulher que chorava muito. Um cachorro também é citado na narrativa, “o cão das lágrimas”, o qual acompanha esse grupo pelo período que estão a vagar à procura de alimento. A função do cão é enxugar as lágrimas das pessoas. Nenhum dos personagens tem nome, nem fazem questão de perguntar uns aos outros. Mais uma vez não há a necessidade de nomear os personagens, pois a intenção é revelar suas intenções, suas atitudes e suas características.

Nesta cidade, os moradores são atingidos, um a um, pela doença da cegueira branca, a qual deixava uma eterna luz nos olhos de quem a tinha. Podemos chamar, a partir de agora, essa doença de praga, pois parece ter sido uma doença enviada de um ser superior, Deus, à cidade que já se encontrava às cegas mesmo antes de tal moléstia. Há uma referência de praga semelhante enviada por Deus a fim de “abrir os olhos” de quem já estava cego mesmo vendo. Essa referência se encontra no livro cristão, a *Bíblia* [1], no livro de Atos, capítulo nove:

Saulo, respirando ainda ameaças e a morte contra os discípulos do Senhor, dirigiu-se ao sumo sacerdote e lhe pediu cartas para as sinagogas de Damasco, a fim de que, caso achasse alguns que eram do Caminho, assim homens como mulheres, os levasse presos para Jerusalém. Seguindo ele estrada fora, ao aproximar-se de Damasco, subitamente uma luz do céu brilhou ao seu redor, e, caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues? Ele perguntou: Quem és tu, Senhor? E a resposta foi: Eu sou Jesus, a quem tu persegues; mas levanta-te e entra na cidade, onde te dirão o que convém fazer. Os seus companheiros de viagem pararam emudecidos, ouvindo a voz, não vendo, contudo, ninguém. Então se levantou Saulo da terra e, abrindo os olhos, nada podia ver. E, guiando-lhe pela mão, levaram-no para Damasco. Esteve três dias sem ver, durante os quais nada comeu, nem bebeu.

O capítulo em que se encontra a história de Saulo tem o título “A conversão de Saulo” e narra a ocorrência de uma cegueira devido à luz brilhante, a qual sabemos provir de Deus. Essa cegueira foi atribuída a Saulo por causa de seu comportamento opressor com as pessoas que seguiam a Jesus. Desse modo, Saulo precisou desta cegueira para ser convertido e enxergar Deus, passando, então, a se redimir pelos maus atos. Até seu nome foi mudado para Paulo, conhecido na Bíblia pelos diversos livros que escreveu sobre o amor de Jesus.

A cegueira branca, na obra analisada, também pode ser denominada de praga, pois a cidade já se encontrava cega mesmo vendo, como mencionou Saramago, “Estamos todos cegos”, ao exprimir como surgiu a ideia de escrever um livro em que as pessoas cegavam. O caos da cidade já existia mesmo antes da praga se alastrar. A personagem rapariga dos óculos escuros já filosofara a respeito:

O medo cega, disse a rapariga dos óculos escuros, São palavras certas, já éramos cegos no momento em que cegamos, o medo nos cegou, o medo nos fará continuar cegos, Quem está a falar, perguntou o médico, Um cego, respondeu a voz, só um cego, é o que temos aqui. Então perguntou o velho da venda preta, Quantos cegos serão precisos para fazer uma cegueira. Ninguém lhe soube responder.

Outros personagens já se atreveram também a filosofar sobre o que é a cegueira, como a mulher do médico: “a cegueira também é isto, viver num mundo onde se tenha acabado a esperança”. Esta pode ter sido uma das causas para Saramago declarar uma cegueira generalizada. Ainda a mulher do médico afirmou mais tarde: “Alguns destes cegos não o são apenas dos olhos, também o são do entendimento, nem de outro modo se explicaria o raciocínio tortuoso que os levou a concluir que a desejada comida, estando a chover, não viria.”

A obra traz como subtítulo “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”, olhar é diferente de ver, o que faltava àquelas pessoas era a saída da superficialidade de olhar para entrar na profundidade da arte de ver. A cegueira branca apenas agravou a severidade da cegueira dos habitantes da cidade, que já eram cegos funcionais.

Após a dissipação da praga, as pessoas deixam de lado os bons costumes e valores cultivados outrora, e concretizam seus verdadeiros desejos e intenções, julgando não poder ser vistas por ninguém, já que agora não há governo, policiamento, nem padres ou qualquer outro órgão que constitua a organização e a civilização de todos, respeitando os direitos e deveres de cada um. É no momento em que não há mais barreiras de valores ou pudor que a narrativa revela a degradação humana. Deus, nesse caso, representa qualquer autoridade capaz de julgar, qualquer ser humano capaz de ver.

Quase ao término da obra temos uma revelação que assusta a todos:

Levantou a cabeça para as colunas esguias, para as altas abóbadas, a comprovar a segurança e a estabilidade da circulação sanguínea, depois disse, Já me sinto bem, mas naquele mesmo instante pensou que tinha enlouquecido, ou que desaparecida a vertigem ficara a sofrer de alucinações, não podia ser verdade o que os olhos lhe mostravam, aquele homem pregado na cruz com uma venda branca a tapar-lhe os olhos, e ao lado uma mulher com o coração trespassado por sete espadas e os olhos também tapados por uma venda branca, e não eram só este homem e esta mulher que assim estavam, todas as imagens da igreja tinham os olhos vendados, as esculturas com um pano branco atado ao redor da cabeça, as pinturas com uma grossa pincelada de tinta branca (...)só havia uma mulher que não tinha os olhos tapados porque já os levava arrancados numa bandeja de prata.

Ninguém sabia a razão para estarem vendadas todas as imagens da igreja, mas isto os assustava, pois poderia Deus ter os abandonado a fim de não ver a degradação a qual chegaram.

Logo que os primeiros cegos foram declarados, o governo tomou a medida de quarentena a fim de isolar a praga e interromper sua dissipação. Mas a atitude não foi

suficiente, pois todos aqueles que tiveram contato com os infectados também cegaram, de modo que até o próprio governo cegou. O local da quarentena foi um manicômio, onde se passa a maior parte da narrativa. Lá dentro as pessoas são instruídas a ordenar líderes para melhor convivência de todos, mas a falta de confiança é tanta, que a instrução é rejeitada. A falta de confiança dizia respeito basicamente à questão da comida, pois era impossível fazer uma divisão exata sem olhos para ver.

Neste período a mulher do médico estava decidida a ser solidária com os demais, servindo de guia e consoladora às pessoas de sua ala. Em vários momentos, sentiu-se mal por esconder de todos sua situação como a única pessoa a ver, mas através da razão preferiu ajudar sem anunciar seu segredo, para que isto não passasse a ser um fardo ao invés de uma gratificação:

Se tu pudesses ver o que eu sou obrigada a ver, quererias estar cego, Acredito, mas não preciso, cego já estou, Perdoa-me, meu querido, se tu soubesses, Sei, sei, levei a minha vida a olhar para dentro dos olhos das pessoas, é o único lugar do corpo onde talvez ainda exista uma alma, e se eles se perderam, Amanhã vou dizer-lhes que vejo, Oxalá não venhas a ter de arrependerte, Amanhã lhes direi, fez uma pausa e acrescentou, Se não tiver eu finalmente entrado também nesse mundo.

Apesar de ver, a mulher do médico também sofria, pois estava destinada a conviver com o sofrimento dos outros, e era a única pessoa que realmente percebia o processo de desumanização ao qual todos passavam. No livro há várias comparações das pessoas até mesmo com animais:

Há muitas maneiras de tornar-se animal, pensou, esta é só a primeira delas. Porém, não se podia queixar muito, ainda tinha quem não se importasse de o limpar.
Parece impossível que a força animal do sexo seja assim tão poderosa, ao ponto de cegar o olfacto, que é o mais delicado dos sentidos.
Evidentemente. muitos destes cegos estão a ser pisados, empurrados, esmurrados. É o efeito do pânico, um efeito natural, pode-se dizer, a natureza animal é mesmo assim.
Mas quando a aflição aperta, quando o corpo se nos desmanda de dor e angústia, então é que se vê o animalzinho que somos.
Estou pior que um animal

Foi então a mulher do médico que tomou a decisão de manter organizada pelo menos a sua ala, para que esta não se tornasse um lugar impossível de viver:

No caso em exame parece ter tido uma influência decisiva a acção pedagógica da cega do fundo da camarata, aquela que está casada com o oftalmologista, tanto ela se tem cansado a dizer-nos, Se não formos capazes de viver inteiramente como pessoas, ao menos façamos tudo para não viver inteiramente como animais, tantas vezes o repetiu, que o resto da camarata acabou por transformar em máxima, em sentença, em doutrina, em regra de vida, aquelas palavras, no fundo simples e elementares.

A situação tornou-se pior quando a falta de comida iniciou, e as pessoas se tornaram mais desesperadas e prontas para fazer qualquer coisa para obter alimento. Um grupo da

última ala, composto por mais de vinte homens, e com um revólver, passou a comandar a distribuição de alimentos através de ameaças, mortes, roubos, abusos sexuais e outros. Neste momento aquele manicômio exibiu a maior degradação humana já vista na obra. Até mesmo a mulher do médico precisou se valer dos mesmos valores dos valentões para matar o chefe deles. O caos estava tão consolidado, que só havia uma saída: o incêndio.

Novamente podemos encontrar uma referência na Bíblia a respeito de duas cidades que se tornaram tão corruptas a ponto de Deus destruí-las. Estas cidades são Sodoma e Gomorra, relatadas na *Bíblia* [1] no livro de Gênesis, capítulo 19. Assim como o grupo da ala da mulher do médico se salvou, Deus salvou uma família daquelas cidades que temia a ele, a família de Ló:

E ao amanhecer os anjos apertavam com Ló, dizendo: levanta-te, toma tua mulher e tuas duas filhas que aqui estão, para que não pereças no castigo da cidade. Ele, porém, se demorava; pelo que os homens pegaram-lhe pela mão a ele, à sua mulher, e às suas filhas, sendo-lhe misericordioso o Senhor. Assim o tiraram e o puseram fora da cidade. Quando os tinham tirado para fora, disse um deles: Escapa-te, salva tua vida; não olhes para trás de ti, nem te detenhas em toda esta planície; escapa-te lá para o monte, para que não pereças. Respondeu-lhe Ló: Ah, assim não, meu Senhor! Eis que agora o teu servo tem achado graça aos teus olhos, e tens engrandecido a tua misericórdia que a mim me fizeste, salvando-me a vida; mas eu não posso escapar-me para o monte; não seja caso me apanhe antes este mal, e eu morra. Eis ali perto aquela cidade, para a qual eu posso fugir, e é pequena. Permite que eu me escape para lá (porventura não é pequena?), e viverá a minha alma. Disse-lhe: Quanto a isso também te hei atendido, para não subverter a cidade de que acabas de falar. Apressa-te, escapa-te para lá; porque nada poderei fazer enquanto não tiveres ali chegado. Por isso se chamou o nome da cidade Zoar. Tinha saído o sol sobre a terra, quando Ló entrou em Zoar. Então o Senhor, da sua parte, fez chover do céu enxofre e fogo sobre Sodoma e Gomorra. E subverteu aquelas cidades e toda a planície, e todos os moradores das cidades, e o que nascia da terra. Mas a mulher de Ló olhou para trás e ficou convertida em uma estátua de sal. E Abraão levantou-se de madrugada, e foi ao lugar onde estivera em pé diante do Senhor; e, contemplando Sodoma e Gomorra e toda a terra da planície, viu que subia da terra fumaça como a de uma fornalha. Ora, aconteceu que, destruindo Deus as cidades da planície, lembrou-se de Abraão, e tirou Ló do meio da destruição, ao subverter aquelas cidades em que Ló habitara.

Assim, Deus jogou fogo do céu para destruir as duas cidades que, segundo a *Bíblia* [1], praticava todos os tipos de barbáries, como corrupção, prostituição e violência. Mas a família de Ló foi resgatada daquele lugar através de um anjo que os instruiu a fugir. Deus se preocupava com os que ainda O temiam.

Sigmund Freud, em *O mal-estar na civilização* [2], explica a tendência degradativa do homem ao viver em sociedade e o grande esforço da humanidade, pois, em nome da conjunção, da civilização, ela tem de reprimir seu instinto de destruição:

A civilização tem de utilizar esforços supremos a fim de estabelecer limites para os instintos agressivos do homem e manter suas manifestações sob controle por formações psíquicas reativas. Daí, portanto, o emprego de métodos destinados a incitar as pessoas a identificações e relacionamentos amorosos inibidos em sua finalidade, daí a restrição à vida sexual e daí, também, o mandamento ideal de amar ao próximo como a si mesmo, mandamento que é realmente justificado pelo fato de nada mais ir tão fortemente contra a natureza original do homem. A despeito de todos os esforços, esses empenhos da civilização até hoje não

conseguiram muito. Espera-se impedir os excessos mais grosseiros da violência brutal por si mesma, supondo-se o direito de usar a violência contra os criminosos; no entanto, a lei não é capaz de deitar a mão sobre as manifestações mais cautelosas e refinadas da agressividade humana. Chega a hora em que cada um de nós tem de abandonar, como sendo ilusões, as esperanças que, na juventude, depositou em seus semelhantes, e aprende quanta dificuldade e sofrimento foram acrescentados à sua vida pela má vontade deles. Ao mesmo tempo, seria injusto censurar a civilização por tentar eliminar da atividade humana a luta e a competição. Elas são indubitavelmente indispensáveis. Mas oposição não é necessariamente inimizade; simplesmente, ela é mal empregada e tornada uma *ocasião* para a inimizade. Os comunistas acreditam ter descoberto o caminho para nos livrar de nossos males. Segundo eles, o homem é inteiramente bom e bem disposto para como seu próximo, mas a instituição da propriedade privada corrompeu-lhe a natureza. A propriedade da riqueza privada confere poder ao indivíduo e, com ele, a tentação de maltratar o próximo, ao passo que o homem excluído da posse está fadado a se rebelar hostilmente contra seu opressor.

Bastou a expansão da praga para que o ser humano deixar fluir seus instintos, já que, como diz Freud, vivemos constantemente uma luta interna a fim de manter o controle para viver em sociedade. A cegueira destruiu os limites invisíveis a que estamos acostumados a controlar, o que ocasiona cenas degradantes, como o abuso, a violência, a imundície, o roubo e a competição por comida.

Após sair do manicômio, o grupo que escapou – o médico, a mulher do médico, a rapariga dos óculos escuros, o primeiro cego, a mulher do primeiro cego, o velho da venda preta e o menino estrábico – notou que suas vidas não tinham melhorado e que a procura por alimento seria ainda mais difícil.

A mulher do médico presenciou a podridão das ruas, pessoas mortas, pessoas que brigavam por alimento. A situação estava ainda pior fora do manicômio. O peso de guiar aquele grupo e o alimentar começa a enfraquecê-la. Sua solidariedade é descrita na teoria de Kant em sua obra *A metafísica dos costumes* [3], no qual ele explica o dever do ser humano em ser solidário com os outros em situações de calamidade:

Mas embora não seja em si mesmo um dever participar dos sofrimentos (bem como das alegrias) dos outros, constitui um dever se solidarizar ativamente com sua sorte; e contemplando este fim é, portanto, um dever indireto cultivar os sentimentos compassivos naturais (estéticos) em nós, e deles fazer uso como tantos meios para a solidariedade, baseados em princípios morais e o sentimento a eles apropriado. Constitui, portanto, um dever não evitar os lugares onde os pobres, aos quais faltam os mais básicos itens necessários, são encontrados, mas, ao contrário, ir à procura deles e não se afastar de enfermarias ou de prisões de devedores e assim por diante, com o objetivo de evitar compartilhar de sentimentos dolorosos aos quais podemos não ser capazes de resistir, pois este é ainda um dos impulsos que a natureza implantou em nós para fazer o que a representação do dever por si só não poderia realizar.

É um caso curioso ser esta mulher a única pessoa a não cegar, o que pode justificar sua natureza altruísta, pois ela teve o poder de escolha entre acompanhar o seu marido e os demais doentes ao manicômio ou abster-se de tudo. Sem hesitar, sempre escolheu a solidariedade. Talvez essa mulher não precisasse ser atingida pela praga para que lhe abrissem os olhos, pois estes já viam perfeitamente outrora.

Enquanto estes personagens estavam reunidos à sala da mulher do médico, a visão retorna. Todos logo fazem planos de ir embora. No final ficam à sala o médico e sua mulher, juntamente com o menino que ainda dormia, a dialogar:

Por que foi que cegamos, Não sei, talvez um dia se chegue a conhecer a razão, Queres que te diga o que penso, Diz, Penso que não cegamos, penso que estamos cegos, Cegos que vêem, Cegos que, vendo, não vêem.

Os personagens lembram a história da cegueira como uma história de outro mundo, aquela em que se pronunciou “estou cego”. Desse modo, parecem perder-se as lembranças dos momentos difíceis por que passaram, por isso, talvez a mulher do médico declare que ainda estamos todos cegos.

Assim, se configura o romance de crítica social de José Saramago: “Estamos todos cegos”.

Referências

- [1] BIBLIA. Português. *Bíblia de Referência Thompson*. Tradução: João Ferreira de Almeida. 12. ed. rev. São Paulo: Vida, 2000
- [2] FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- [3] KANT, Immanuel. *A metafísica dos costumes*. São Paulo: Edipro, 2003.
- [4] SARAMAGO, José. Ensaio Sobre a Cegueira: depoimento. [28 de novembro de 2008] São Paulo: *Sabatina promovida pelo jornal Folha de S. Paulo*. Entrevista conduzida por Vaguinaldo Marinheiro.
- [5] SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.